



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8

As origens do jornalismo profissional em Portugal: uma incursão pelas estruturas empresariais (1865- 1925)

PAULA CRISTINA GALVÃO MATEUS MIRANDA

ISCTE ~ paulacmiranda@hotmail.com

Resumo:

A observação do fenómeno das profissões é indissociável dos espaços que servem de palco à concretização das práticas ou melhor à aplicação dos saberes. Neste sentido as estruturas e o modo de funcionamento das empresas jornalísticas surgem como uma plataforma de observação privilegiada sobre o alcance e as limitações da visibilidade/identidade alcançada pelos redactores dos jornais. De facto num momento caracterizado pela inexistência de contornos formalmente instituídos foi sobretudo no universo laboral que se forjaram os elementos de distinção de uma actividade.

O objectivo desta comunicação é apresentar alguns indicadores sobre a estrutura orgânica de algumas das principais empresas responsáveis pelos projectos do jornalismo informativo em Portugal, nomeadamente o *Diário de Notícias* e o *Século* e analisar de que modo as mesmas potenciaram a afirmação dos jornalistas. No interior das referidas empresas esboçaram-se as coordenadas de um novo saber e instituíram-se as condições materiais essenciais para uma partilha de referências comuns ou melhor para o desenvolvimento de um espírito de grupo. A especialização e a hierarquização, resultantes da agigantização das instituições, transportaram os redactores para espaços específicos, as salas de redacção, que lhes conferiram uma maior liberdade e visibilidade. Foi nas redacções dos diários informativos que os jornalistas forjaram as cumplicidades fundamentais para a sua existência profissional.

Progressivamente começou a definir-se uma estruturação do universo profissional, promovida pela criação de cargos de chefia intermédia. Estavam criadas as primeiras formas de controlo/limitação no acesso à profissão e desbravado o caminho para a afirmação de um novo protagonista social que adquiriu existência histórica no século XIX: o jornalista.

Palavras-chave:

Jornalistas, identidades profissionais, história do jornalismo, empresas jornalísticas.

As primeiras reflexões sobre a aplicação do conceito de profissionalismo aos jornalistas surgiram ainda na década de 1930¹ num trabalho de Leo Rosten² que, por intermédio de uma amostra composta por cento e vinte e sete correspondentes de jornais norte americanos em Washington, tentou determinar os factores condicionantes da produção de notícias. Através dos

¹ Cf. Por exemplo RUELLEN (1993) p. 37; Franciscato (2002).

² Cf. Rosten (1937).

resultados obtidos Rosten detectou a existência de percepções distintas sobre a actividade desenvolvida pelos diferentes responsáveis pelo corpo redactorial do jornal, destacando-se um conjunto de intervenientes que se auto-intitulavam profissionais e cuja imagem divulgada permitia uma individualização/afirmação perante o grupo de agentes que podiam interferir na produção das notícias.

Ao trabalho de Rosten seguiram-se aproximações feitas no âmbito de diferentes campos de abordagem como a Sociologia, a História, as Ciências da Comunicação, que se debruçaram especificamente sobre a aplicação do conceito de profissão ao mundo da produção jornalística ou melhor aos actores responsáveis pela elaboração das notícias³.

Os EUA e a Inglaterra surgiram como os percussores da nova área de trabalho que se desenvolveu em estreita articulação com as orientações gerais que marcaram a Sociologia das Profissões do mesmo período, em particular com os traços teóricos e os percursos metodológicos adoptados pelas aproximações funcionalistas⁴. O conceito de *tipo ideal* surgiu como o instrumento conceptual de base que norteou a literatura produzida entre as décadas de 1960 e de 1980. Neste sentido os estudos realizados articularam-se em torno da construção de índices/indicadores de orientação profissional que fixaram como um dos principais parâmetros de observação a formação escolar ou melhor a especialização educacional. A existência de percursos de formação extremamente díspares, entre outros factores, acabou por conduzir a concepções negativas sobre a aplicação do conceito de profissão aos jornalistas. Muitos autores consideraram que, apesar dos avanços detectados no sentido de uma orientação profissional, a institucionalização do profissionalismo no jornalismo surgia como um percurso lento e difícil.

A renovação de perspectivas surgiu sobretudo no âmbito das pesquisas efectuadas por autores francófonos a partir da década de 1980. Uma característica comum percorre a literatura produzida: a renúncia do conceito de *tipo ideal*⁵. Partindo da premissa de que os grupos são entidades extremamente fluidas e imprecisas que adoptam estratégias diversificadas para se afirmarem, os diferentes trabalhos procuram, através da utilização de variáveis diversas, identificar os percursos através dos quais os jornalistas adquiriram visibilidade, identidade e legitimidade enquanto actores sociais. Uma legitimidade que lhes permitiu impor uma concepção específica da profissão jornalística e justificar uma matriz do território de trabalho.

Tratou-se de uma forma distinta de abordar o problema da profissionalização dos jornalistas que se desenvolveu na sequência das coordenadas que marcam as recentes aproximações sociológicas de grupos profissionais⁶.

O terreno começou por ser desbravado por sociólogos e especialistas das Ciências da Comunicação que centraram as suas atenções nos fenómenos relativos ao século XX.

As obras de Michael Palmer (1983) e Rémy Rieffel (1984) surgiram como alicerces da renovação conceptual e metodológica verificada no seio da literatura francesa.

Palmer ao debruçar-se sobre as origens das primeiras agências noticiosas concluiu que foi durante a segunda metade do século XIX que se forjaram os referentes que pautam a matriz jornalística contemporânea. A conjugação de factores económicos, políticos, culturais e tecnológicos contribuiu para a emergência de uma nova concepção de informação que revolucionou por completo o campo da imprensa. Assistiu-se a uma crescente especialização dos actores responsáveis pela produção dos jornais e, conseqüentemente à criação de diferentes subgrupos, como os repórteres,

³ Cf. Por exemplo Wilson (1995).

⁴ Cf. Por exemplo Ruellan (1993); Neveu (2001).

⁵ Cf. Por exemplo Ferenczi (1993); Ruellan (1993) (1997); Da Lage (1995); Feyel (1995); Mathien (1995); Lévêque (1996); Retat (1996); Delporte (1999).

⁶ Cf. Ruellan (1997).

que desempenharam um papel crucial na construção de uma identidade (ou de identidades colectivas)⁷.

Rieffel contribuiu para a abertura de novos horizontes no domínio do conhecimento das práticas profissionais ao identificar, através dos resultados obtidos com a aplicação de um inquérito a um conjunto de jornalistas, a existência de reacções de interdependência entre as elites jornalísticas e os dirigentes políticos e económicos⁸.

Para além dos trabalhos referidos há a destacar um conjunto de artigos de Philip Schlesinger (1992), Aralynn Abare Mc Name (1992), Johanna Siméaut (1993), Florence Haegel (1993) bem como a obra de Thomas Ferenczi (1993) *L'invention du Journalisme, naissance de la presse moderne à la fin du XIXe siècle* que, através da análise de problemáticas diversas, permitiram aquisições teóricas e metodológicas que estiveram na base da renovação de perspectivas sobre o estudo da profissão de jornalista.

O estatuto de marco inaugural das investigações especificamente dedicadas à profissionalização dos jornalistas parece-nos no entanto que deve ser atribuído à obra *Le Professionalisme du Flou. Identité et Savoir-Faire des journalistes français* (1993) de Denis Ruellan. Partindo da sua própria experiência profissional (de jornalista) e do conjunto de representações sobre a figura do jornalista apresentadas em diferentes projecções cinematográficas desde a década de 1940 até, finais da década de 1980, Denis Ruellan propôs um percurso de análise que, em termos teóricos e metodológicos apresentou-se como tributário das mais recentes estratégias de pesquisa no âmbito da Sociologia das Profissões, em particular das propostas de Abbott (1988).

Um argumento base serviu de alicerce ao trajecto apresentado:

*"(...) le professionnalisme ne saurait avoir de définition unique et commune à toutes les activités. Au contraire chaque occupation définit progressivement sa culture de production qui la distingue des autres activités. Le professionnalisme est une notion constituée d'éléments en interaction répartis en deux plans interdépendants: le plan des discours de légitimation et le plan de la pratique concrète, des savoir-faire façonnés par le temps »*⁹.

A construção/desconstrução do significado do conceito de profissionalismo proposta por Ruellan serviu de ponto de partida para uma revisitação crítica dos trabalhos que marcaram a emergência e desenvolvimento das Sociologia das Profissões e, em particular, da literatura dedicada especificamente à profissionalização dos jornalistas. O autor concluiu que a focalização em critérios como a deontologia, o fecho do grupo, as aquisições técnicas ou a codificação de medidas não permitiram apreender o jornalismo em toda a sua riqueza específica e serviram apenas para mascarar a fluidez constitutiva e produtiva que caracteriza a actividade¹⁰.

Ruellan defendeu que a estruturação de um grupo e dos seus espaços de trabalho pode ser apreendida nas qualidades dinâmicas, nomeadamente na imprecisão de fronteiras¹¹ e nos modos de produção, campos onde *"(...) le journalisme apparaît dans toute sa riche spécificité (...)"*¹².

⁷ Cf. Palmer (1983) ; Ruellan (1997) pp. 11/19.

⁸ Cf. Rieffel (1984); Ruellan (1993) pp. 11/12.

⁹ Ruellan (1993) pp. 97/98.

¹⁰ Cf. Ruellan (1993) pp. 219-224.

¹¹ Ruellan defende a pertinência da utilização do conceito de fronteira, utilizado originariamente pela geografia humana, para compreender o processo de estruturação de novos espaços sociais/grupos profissionais. Cf. RUELLAN (1993) pp.53-55 ; *Idem* (1997) pp. 14-16. *"(...) les frontières – on parle aussi de fronts pionniers – sont les lieux d'élection des membres sociaux qui ne trouve pas dans les espaces anciens (structurés, voire sclérosés) les conditions de vie ou les réponses à leurs ambitions. Convergent vers la frontière, s'y installent, en structurent les espaces, tous ceux qui sont prêts aux risques de la création de nouveaux territoires et de nouvelles activités. Tant que les espaces ne sont pas tous appropriés, tant qu'il reste de la place pour de nouveaux arrivants, la frontière ne se ferme pas et la différenciation sociale reste faible. Quand enfin la frontière arrive au bout d'elle-même, quand les concurrences ne peuvent plus être naturellement étouffées par la disponibilité*

A análise das diferentes tentativas de fecho do grupo, ou melhor da formação de território(s) profissional(ais) foi feita, num primeiro momento¹³, a partir de quatro variáveis principais: o ensino; os salários; o projecto de uma Ordem dos Jornalistas; a carteira profissional e, num segundo momento¹⁴ através das condições de exercício da actividade, nomeadamente do sistema de relações com o patronato e, em particular, da remuneração de trabalho aplicada; das ligações/posicionamentos existentes face aos diferentes poderes instituídos; da teia de relações internacionais existentes no domínio do jornalismo.

Os debates travados em torno de cada um dos aspectos referidos bem como os resultados práticos e as limitações das medidas adoptadas permitiram concluir que

“(…) ne saurait exister des processus universel de formation des territoires professionnels impliquant des définitions rigoureuses des modes d'accès, de formation et de régulation. Des nombreuses questions peuvent rester en suspens, l'espace peut n'être que très imparfaitement circonscrit ou l'être partiellement de manière symbolique, l'identité sociale peut paraître inachevée ou floue, et, malgré tout, le groupe exister bel et bien, reconnu, respecté et même envié »¹⁵.

Ao jornalismo está associado uma espécie de “*flou constitutif*”¹⁶ que se revela através do estatuto, das estruturas de controle, das missões, dos processos de formação e das requisições de qualificação¹⁷, dos limites de competência, das práticas¹⁸. “*(…) c'était toute la gestion du territoire professionnel qui était concernée par l'imprécision et la fluidité* »¹⁹. As “indefinições” que acompanham a actividade surgem como “*(…) un puissant et dynamique instrument de cohésion entre des individus (...)*”²⁰, garantindo uma permanente capacidade de adaptação que possibilita a incorporação de inovações aos mais diversos níveis²¹.

Na senda do percurso iniciado por Ruellan autores como Michel Mathien²², Olivier Da Lage²³ e Érik Neveu²⁴ defenderam o papel determinante do Sindicato e a importância da lei de 29 de Março de 1935 para a afirmação dos jornalistas franceses.

Mathien destacou no entanto a convergência de vários factores, nomeadamente a industrialização da imprensa e as consequentes transformações ao nível da estruturação do trabalho redactorial, nomeadamente a crescente especialização de tarefas e a adopção de novas técnicas de recolha e apresentação da informação, a proliferação de debates em torno de temas como a

de territoires encore « vierges », les logiques de différenciation sociale – et singulièrement d'appropriation – se mettent à l'œuvre. On assiste alors à la concentration des ressources et des moyens de travail, à l'exclusion, à la marginalisation ou à l'aliénation de certains membres sociaux. Quand la frontière est fermée, d'autres peuvent alors s'ouvrir, plus loin ». RUELLAN (1997) p.15.

¹² Ruellan (1993) p. 224.

¹³ Cf. Ruellan (1993).

¹⁴ Cf. Ruellan (1997).

¹⁵ Ruellan (1993) p. 93.

¹⁶ Cf. Ruellan (1993) p. 94.

¹⁷ « *L'exemple du journalisme démontre aussi que la qualification (élément de l'objectivation et de la reproduction de la clôture) n'est pas synonyme de formation: la part relative des diplômés des écoles de journalisme décroît; en 1973, ils étaient 20%, contre 14,8% en 1990 (y compris les diplômés des écoles non reconnues paritairement par la profession) et cette tendance se creuse actuellement, apportant la preuve que la négociation de la qualification (comme accord entre les potentialités de la force et les tâches) peut se faire indépendamment des cadres organisés de reproduction* ». RUELLAN (1997) p. 154.

¹⁸ Cf. Ruellan (1993) p. 94.

¹⁹ Ruellan (1997) p. 140.

²⁰ Ruellan (1993) p. 95.

²¹ Cf. Ruellan (1993) pp. 94/95.

²² Mathien (1995).

²³ Da Lage (2003).

²⁴ Neveu (2001).

liberdade de expressão e a realização do 1º ciclo de Congressos Internacionais que ocorreram entre 1894 e 1914, onde se discutiram assuntos cruciais como foi o caso dos princípios deontológicos²⁵.

Gilles Feyel defendeu mesmo que “*Tous ces congrès, réunis presque chaque année, ont aidé les journalistes à prendre de mieux en mieux conscience de leur identité professionnelle*”²⁶ e constituíram um impulso decisivo para a evolução do movimento associativo francês, nomeadamente para a criação do Sindicato dos jornalistas em 1918²⁷.

A valorização do período de oitocentos, mais propriamente da segunda metade do século XIX, como uma etapa precursora dos primeiros basculamentos do individual ao colectivo, que serviram de alicerce à construção de uma identidade no âmbito do jornalismo francês, surgiu como um argumento presente sobretudo no âmbito das investigações desenvolvidas ao nível historiográfico.

Marc Martin defendeu que foi no período compreendido entre 1870/1880 e 1914 que emergiu e se constituiu solidamente a profissão de jornalista²⁸.

O autor defendeu a existência de cinco índices tradutores de uma emergência profissional: a origem semântica do termo que define uma actividade; a caracterização sociográfica; o associativismo; o relacionamento com o poder político e as condições materiais²⁹.

O período que se seguiu à primeira Guerra Mundial contribuiu apenas para aprofundar as aquisições do período fundador que teve início na década de 1880. “*Au lendemain de la guerre, la profession se donne de nouvelles frontières, mieux marquées et plus sélectives (...)*”³⁰.

As interpretações de Christian Delporte³¹ permitiram reforçar as propostas de Marc Martin.

Na tentativa de definir o conjunto de elementos que participam na construção de uma cultura e de uma identidade colectiva no âmbito do jornalismo ou melhor, no processo de edificação e legitimação da profissão de jornalista, Delporte propôs um percurso articulado em torno de quatro linhas de reflexão que abarcam o período compreendido entre 1880 e 1940: o universo das práticas profissionais, as redes de sociabilidade/solidariedade existentes; o relacionamento com os poderes políticos, económicos e sociais; o “auto-retrato” do jornalismo.

A identificação da tipologia de actores envolvidos na produção de jornais, a estruturação estabelecida ao nível da organização do trabalho, as fórmulas redactoriais praticadas, os conteúdos do corpo dos jornais, o sistema de escoamento do produto adoptado, as formas e os valores das remunerações praticadas, as diferentes modalidades de associativismo e de sociabilidade existentes, tanto a nível nacional como internacional, as medidas legislativas instituídas, as definições conceptuais propostas e estabelecidas bem como as imagens construídas e divulgadas junto da opinião pública, constituíram as variáveis de análise utilizadas para estudar o conjunto de aspectos referidos.

Delporte distinguiu três etapas no processo de construção do jornalismo em profissão. Um primeiro momento, que tem início na década de 1880 e que se desenvolve até à primeira Guerra Mundial,

“(...) pose les jalons des transformations futures, redéfinit les pratiques, fixe le rôle social du journaliste, infléchit les références culturelles et identitaires fondamentales. (...) de la cellule rédactionnelle aux organisations internationales, en passant par le cadre essentiel des associations, les journalistes brise leur habituel et quasi légendaire isolement, (...) créent les

²⁵ Mathien (1995) pp. 7 – 12.

²⁶ Feyel (1995) p. 161.

²⁷ Feyel (1995) pp. 139-162.

²⁸ Cf. Martin (1997) p.117.

²⁹ Cf. Martin (1997) pp.119-157.

³⁰ Martin (1997) p.197.

³¹ Cf. Delporte (1999).

modalités originales de leurs solidarités. (...) les journalistes se démarquent socialement des milieux, littéraire et politique, avec lesquels ils vivent depuis longtemps en symbiose »³².

Constroem-se os alicerces de um espaço profissional que apresenta no entanto uma fronteira de contornos imprecisos.

Um segundo momento, que compreende o período existente entre as duas Guerras Mundiais, permite consolidar o percurso iniciado anteriormente. Trata-se de um momento que se caracteriza sobretudo pela criação e institucionalização de disposições normativas (em particular o estatuto de 1935 e a carteira de identidade profissional) que emergem como referentes profissionais que orientam o desempenho da actividade até meados do século XX e que contribuem para o reconhecimento do jornalismo.

A terceira etapa, que engloba a década de 1940, apresenta-se como um momento de interregno relativamente às conquistas do período anterior. O jornalismo foi considerado, numa linha de interpretação que remonta à fase do nascimento do jornalismo moderno, como uma actividade de serviço público. Esta concepção conduziu a uma tentativa de impedir a evolução da imprensa, encetada no período anterior, que havia sido arquitectada sob o binómio informação-produto.

Delporte utilizou o termo reconstrução para catalogar o último período analisado uma vez que as propostas apresentadas adoptam como referência um momento anterior, uma “idade mítica” e não contemplam uma prospecção/reflexão com vista a futuras aplicações³³.

A partir da década de 1950 iniciou-se uma nova fase na história do jornalismo francês “(...) où l’idéal professionnel (...) restait intimement fondé sur une haute idée du rôle social de la presse”³⁴ que marcou o percurso da actividade até aos “nossos dias”³⁵.

A interpretação do jornalismo como uma profissão com uma geometria variável é um argumento comum ao conjunto de trabalhos produzidos por autores francófonos a partir da década de 1980.

“(...) le journalistes ont régulièrement fait preuve d’une adaptabilité leur permettant d’absorber des chocs d’origine très diverses, notamment les tentatives d’instrumentation et des manipulations émanant de divers pouvoirs (...) et des mutations technologiques engendrées par les avancées de la science »³⁶. L’identité journalistique est donc une identité (...) paradoxale, ce qui fait du journalisme une profession complexe à appréhender »³⁷.

Uma das plataformas de observação privilegiadas sobre o alcance e as limitações da visibilidade/identidade alcançada pelos redactores dos jornais é o espaço de trabalho destes actores sociais. Parte da identidade do grupo forja-se na dinâmica existente entre os estratagemas dos produtores das notícias e as directrizes das instituições que enquadram a sua actividade. As medidas e as práticas adoptadas pelas empresas condicionam as possibilidades de carreira e /ou a existência de recompensas de natureza material e simbólica. Partindo do argumento de que a anatomia das instituições é um dos caminhos possíveis para entender a funcionalidade dos actores decidi observar a estrutura orgânica de algumas empresas jornalísticas portuguesas, o *Diário de Notícias* e *O Século*, num período que se estende do momento da fundação até 1925, de modo a obter indicadores sobre a identidade dos jornalistas portugueses. Num momento caracterizado pela inexistência de contornos

³² Delporte (1999) p. 419.

³³ Cf. Delporte (1999) pp. 422-424.

³⁴ Delporte (1999) p.424.

³⁵ Cf. Delporte (1999) pp. 424/425.

³⁶ Pélisser (2003).

³⁷ Pélisser (2003).

formalmente instituídos foi sobretudo no universo laboral que se forjaram os elementos de distinção de uma actividade.

Optei por seleccionar uma empresa que surgiu como a pioneira do jornalismo de informação em Portugal – o *Diário de Notícias* e, por outro lado uma empresa que efectuou um percurso evolutivo do jornalismo de opinião para o jornalismo de informação – *O Século*, de modo a analisar até que ponto as novas directrizes redactoriais potenciaram a afirmação dos redactores.

A observação efectuada permitiu concluir que a imprensa de informação constituiu uma novidade, não apenas no domínio dos conteúdos redactoriais apresentados mas também da própria estrutura organizacional subjacente à concepção e distribuição do periódico. Os objectivos gizados pelos pioneiros dos novos projectos jornalísticos eram incompatíveis com a permanência de estruturas tradicionais que não possuíam suporte técnico e humano habilitado a satisfazer o conjunto de exigências estabelecidas nas novas orientações programáticas apresentadas.

Os novos projectos exigiam o envolvimento de um maior número de actores e uma subdivisão de tarefas que por sua vez implicou a criação de estruturas de coordenação e de enquadramento do conjunto de actividades necessárias à produção e distribuição do jornal. Neste sentido a imprensa de informação surgiu como a perscrutora na introdução de uma nova estrutura empresarial, no domínio do jornalismo, que conduziu à entrada em cena de novos actores sociais no mundo da produção jornalística³⁸.

Centrando-nos no caso do *Diário de Notícias* é possível concluir que ficou definida desde o início uma separação entre a parte administrativa e a parte redactorial. Thomaz Quintino Antunes encarregou-se da direcção da secção administrativa, desempenhando simultaneamente a função de caixa da sociedade enquanto Eduardo Coelho tomou a seu cargo a direcção da secção redactorial, função que acumulou com a de redactor principal.

Ficou assim consagrada, desde as suas origens, uma separação de tarefas que por si só traduz a existência de uma concepção distinta sobre o modelo de funcionamento de uma empresa jornalística. A novidade da estrutura adoptada foi assumida pela própria instituição que afirmou que o *Diário de Notícias* foi fundado “(...) sobre um plano de redacção e administração diverso de quantas até então se haviam empreendido (...)”³⁹.

A partir dos dois sectores principais foi construída uma estrutura hierárquica que comportou diferentes secções interligadas entre si por diferentes linhas de autoridade⁴⁰.

Relativamente à secção administrativa verificamos que, numa posição imediatamente abaixo do director encontrava-se o gerente da administração⁴¹, também denominado por administrador, que assumiu uma posição de destaque no seio da empresa. A referência à existência deste actor surgiu a partir do número programa no cabeçalho do jornal que ainda em 1865 passou a incluir o seu nome, inicialmente apresentado no mesmo plano que outras informações ao público e, a partir de 1867, referenciado de forma autónoma⁴². Toda a correspondência relativa à administração do jornal, que comportava assuntos relacionados com as assinaturas, os anúncios, os pedidos de recomendações, a venda e a requisição de jornais e com o brinde aos senhores assinantes era remetida para este funcionário⁴³ que era auxiliado por um gerente ajudante na organização da informação recebida⁴⁴.

³⁸ Cf. por exemplo: Cruz Seoane (1996); Correia (1998) p. 93; Delporte (1999) pp. 79–125; Luisa Humanes (1999) p. 42.

³⁹ Cf. *Diário de Notícias*, nº 1494, Sábado, 1 de Janeiro de 1870.

⁴⁰ Cf. Miranda (2005) p. 183.

⁴¹ Cf. *Diário de Notícias*, nº 96, Sábado, 29 de Abril de 1865.

⁴² Cf. *Diário de Notícias*, 1864–1867.

⁴³ Cf. *Diário de Notícias*, nº1 Programa, 29 de Dezembro de 1864 (Anexo nº3); nº 24, Janeiro de 1865; nº 189, 24 de Agosto de 1865.

⁴⁴ Cf. *Diário de Notícias*, nº 96, Sábado, 29 de Abril de 1865.

que, depois de seleccionada era remetida para as “secções” respectivas: serviços comerciais, serviços de publicidade e serviços de assistência. Embora os dados obtidos nos permitam identificar unicamente o indivíduo responsável pela escrituração dos assuntos relacionados com a recepção e distribuição de donativos consideramos pertinente, em função da utilização de indicadores indirectos como o número de vendedores ambulantes empregues ao serviço da distribuição da folha ainda em 1865⁴⁵ e a quantidade de anúncios recebidos, considerar a existência de três serviços directamente dependentes da gerência da administração.

A coordenação de grandes quantidades de informação e da actividade de diferentes indivíduos implicou uma subdivisão do trabalho que, embora possa não ter sido efectuada à data da criação do jornal acabou por ser implementada durante os primeiros anos de funcionamento do mesmo, na sequência das necessidades surgidas. Destacamos o caso dos serviços de beneficência que, embora tenham integrado o conjunto de actividades promovidas pelo jornal ainda durante o ano de 1865 e em 1866 tenha começado a ser efectuada uma escrituração especial para este encargo⁴⁶ só a partir de 1867 foi criado um “serviço regular” e específico para esta função⁴⁷.

A complexificação da estrutura acompanhou o desenvolvimento e consolidação do projecto, à semelhança do que aconteceu no caso francês, embora a orgânica de base que suportou o *Diário de Notícias*, durante o período analisado neste trabalho, tenha ficado definida logo em 1865.

O sector redactorial que simbolizava no fundo o coração do jornal, enquadrava a actividade de um maior número de indivíduos.

Numa posição imediatamente abaixo do director, que era simultaneamente o redactor principal, encontravam-se por um lado o editor responsável, por outro o secretário de redacção⁴⁸. O primeiro não constituía propriamente uma novidade no universo da produção jornalística portuguesa, Tengarrinha defende que a partir de 1834 “(...) *um jornal de certa importância* (...)” possuía normalmente um editor, indivíduo responsável pela publicação perante as autoridades⁴⁹.

Apesar de simbolicamente surgir como uma figura de relevo o editor não dispunha efectivamente de uma posição de prestígio no seio da empresa. A sua existência servia, na maior parte dos casos, como um escudo de protecção do conjunto de redactores do jornal uma vez que era ele o actor responsável pela publicação perante as autoridades. Relativamente aos primeiros anos de funcionamento do jornal não encontramos dados sobre os actores que desempenhavam esta função o que corrobora o estatuto de minoridade de que dispunham.

O secretário da redacção, primeiro receptor da matéria-prima recebida para a produção da folha⁵⁰, era de facto uma figura de relevo no seio da orgânica da empresa. À semelhança do que aconteceu em periódicos estrangeiros contemporâneos parece que houve uma certa tendência, nos primeiros anos de funcionamento do jornal, para individualizar a função de secretário da redacção da função de redactor uma vez que o nome dos dois primeiros executores deste cargo não surge associado à redacção do periódico, no entanto, a partir do final da década de 1880 o actor responsável por este serviço desempenhou simultaneamente a função de redactor do jornal.

O *Diário de Notícias*, se não contribuiu para o aparecimento desta figura na cena jornalística portuguesa, contribuiu pelo menos para a afirmação da mesma uma vez que o poder que exerce no

⁴⁵ No dia 17 de Agosto de 1865 a empresa divulgou que dispunha de mais de 100 indivíduos ocupados na venda do jornal. Cf. *Diário de Notícias*, nº 183, 17 de Agosto de 1865.

⁴⁶ Cf. *Diário de Notícias*, nº 910, 24 de Janeiro de 1866.

⁴⁷ Cf. Cunha (1914) p. 29.

⁴⁸ Cf. *Diário de Notícias*, nº 96, 29 de Abril de 1865.

⁴⁹ Cf. Tengarrinha (1989) p. 189.

⁵⁰ Cf. *Diário de Notícias*, nº134, 15 de Junho de 1865; nº 189, 24 de Agosto de 1865.

contexto do jornalismo oitocentista advém da importância que a informação assumiu para diferentes publicações periódicas.

Numa posição hierarquicamente dependente encontravam-se os actores que tinham a seu cargo a coordenação das diferentes “secções temáticas” do jornal.

Ainda em 1865 o *Diário de Notícias* divulgou o nome dos indivíduos que estavam encarregues das diferentes secções existentes: F. D. d’Almeida e Araujo tinha a seu cargo a secção de política estrangeira, o Dr. A. J. R. Loureiro tinha a seu cargo a secção de assuntos jurídicos, F. A. da Costa Pereira tinha a seu cargo a secção de assuntos religiosos e S. Nazareth, juntamente com o Pereira estavam encarregues da secção de assuntos vários que era uma das mais importantes do jornal⁵¹. Citando Christian Delporte

“(…) service du fait divers, prend une importance toujours croissante au sein des rédactions. Les grands quotidiens populaires comme Le Petit Parisien, vont jusqu’à en créer deux, le premier fonctionnant de 9 heures du matin à 6 heures du soir, le second prenant la suite jusqu’au leudemian, 3 heures: il ne faut laisser échapper aucune nouvelle”⁵².

Aos quatro responsáveis pelas secções existentes competia coordenar o trabalho dos redactores efectivos que partilhavam a sala de redacção com os folhetinistas que assumiram a responsabilidade de redigir permanentemente os folhetins do *Diário de Notícias*.

A existência de um espaço específico dedicado exclusivamente aos produtores directos de textos escritos que integravam o corpo do jornal⁵³, surge como um indicador da especialização dos referidos actores que tendem a ocupar-se exclusivamente numa função: a redacção de textos jornalísticos. Destaca-se, durante a primeira fase de existência do periódico, a permanência do corpo redactorial pelo menos desde a década de 1870 até 1889.

O aparecimento das salas de redacção como espaços autónomos no interior das empresas jornalística representa um contributo vital para a afirmação do jornalismo como uma actividade singular que tende a distinguir-se cada vez mais de outros domínios relativos à produção escrita como a literatura.

O livro dos Piquetes Nocturnos da redacção⁵⁴, alusivo ao período compreendido entre 1886 e 1889 reforça esta ideia. Trata-se de um documento produzido pelos cinco redactores efectivos que tem como objectivo fixar normas de funcionamento do serviço, depois do acabamento dos trabalhos ordinários do jornal, ou seja a partir das 10 horas da noite e até, aproximadamente à 1 hora da manhã. O facto de a iniciativa da criação deste serviço partir dos próprios redactores efectivos demonstra que se caminha, na década de 1880, rumo à construção de uma identidade profissional. Destacamos que estes actores reclamavam para si próprios a decisão última sobre a organização e disposição do periódico, uma vez que se auto consideravam habilitadas para velar pelas coordenadas de orientação do jornal.

Os diferentes artigos que compõem o Livro dos Piquetes⁵⁵ permitem-nos verificar que começou a esboçar-se um espírito de grupo, que se traduziu na formulação de uma pauta de conduta e que, ao longo do período incluído neste trabalho, se caminhou rumo a uma crescente “profissionalização” dos responsáveis directos pela redacção das notícias – os jornalistas, que passaram a incluir várias categorias de intervenientes.

⁵¹ Cf. *Diário de Notícias*, nº 96, 25 de Abril de 1865.

⁵² Delporte (1999) p. 108.

⁵³ Freire (1939) p. 125; Cunha (1914) p. 275.

⁵⁴ *Livro dos Piquetes Nocturnos da Redacção: 1886–1889*.

⁵⁵ Cf. *Livro dos Piquetes Nocturnos da Redacção: 1886–1889*.

A supremacia dos redactores efectivos, presença assídua na sala de redacção, começou a evidenciar-se, segundo Delporte eles constituíam a alma do jornal uma vez que ocupavam

“(…) un lieu stratégique où se fait l’information. Au dela, en cercles concentriques, gravitent des confrères, plus indépendents, plus prestigieuu, plus éloignés. Le correspondant à l’étranger ne vient jamais, le chroniqueur, guères plus; le grand reporter est périodiquement et longtemps absent du jornal; d’autres y passent”⁵⁶.

Em estreita ligação com os serviços de redacção e de administração encontravam-se os diferentes serviços tipográficos: composição, revisão, impressão e, a partir da década de 1870, a oficina de gravura.

O período que se seguiu à gestão simultânea dos dois fundadores caracterizou-se, num primeiro momento pelo aumento do número de trabalhadores nos diferentes serviços e, num segundo momento pelo crescimento do número de funcionários nos sectores administrativo e redactorial.

A criação de cargos de chefia intermédia acompanhou o aumento do número de assalariados ao serviço do jornal. Embora não tenha sido possível determinar o momento exacto em que foram criados os cargos de chefia dos diferentes serviços verificámos que na primeira década do século XX a maior parte das secções/serviços existentes possuía uma chefia própria.

Apesar de no período imediato, que se seguiu à morte de Eduardo Coelho, o sócio proprietário Quintino Antunes ter acumulado a direcção do sector administrativo com a do sector redactorial optou, a partir de 1894 por delegar a gestão dos serviços redactoriais em Alfredo da Cunha que era casado com uma das filhas de Eduardo Coelho⁵⁷.

A recusa deste actor em assumir publicamente a posição de director do sector redactorial conduziu à criação do cargo de secretário da empresa do *Diário de Notícias* que foi desempenhado por Alfredo da Cunha até à data da morte de Quintino Antunes. Em termos de funções efectivas Alfredo da Cunha era o responsável máximo pelo sector redactorial do jornal⁵⁸. Numa posição imediatamente abaixo encontrava-se Pedro Wenceslau de Brito Aranha que desempenhou a função de redactor principal desde 1889 até 1914.

Em 1899, na sequência das modificações instituídas ao nível da propriedade do jornal, nomeadamente da transmissão legal para os herdeiros e legatários dos dois fundadores, que conduziu à criação da firma *Coelhos, Cunha e C^a*, Alfredo da Cunha assumiu de facto e, de forma autónoma, a posição de director do *Diário de Notícias*.

Do período da directoria deste actor, que se estendeu até 1919, destacamos o sucessivo aumento do número de redactores efectivos ao serviço do jornal.

Na primeira década do século XX o corpo redactorial do jornal era constituído pelo triplo de elementos relativamente à década da sua fundação⁵⁹.

A sala de redacção não era apenas um local de produção do jornal mas “*uma tertúlia do mais alto nível intelectual, literário e artístico*”⁶⁰, frequentada por uma panóplia muito diversificada de actores que permitia ao conjunto de indivíduos envolvidos na produção do corpo do jornal estar em contacto permanente com a *inteligência* nacional.

⁵⁶ Delporte (1999) p. 111.

⁵⁷ Cf. Cunha (1914) p.230.

⁵⁸ Cf. Cunha (1914); Freire (1939).

⁵⁹ Na primeira década do século XX o corpo redactorial do *Diário de Notícias* era composto por: Pedro Wenceslau de Brito Aranha (redactor principal), Sousa Viterbo, Joaquim Fraga Pery de Linde, Cândido Figueiredo, José Eduardo de Noronha, Francisco Vidal, Albino de Sousa Pimentel, Eduardo Coelho, João Baptista Borges, Ludgero Viana, Luís Trigueiros, José Rangel de Lima, Eduardo de Brito Aranha, João Gaspar Coelho.

⁶⁰ Dinis(1981).

Na posição de director proprietário Alfredo da Cunha acompanhava de perto a gestão dos diferentes serviços do jornal, perpetuando a tradição dos fundadores⁶¹.

De facto a introdução de mudanças ao nível da gestão do jornal ocorreu a partir de 1919, na sequência da venda do *Diário de Notícias* a um poderoso consórcio financeiro.

Uma das principais alterações foi a separação entre a propriedade e a gestão do jornal que foi delegada num indivíduo que não fazia parte do núcleo de accionistas da empresa proprietária⁶², Augusto de Castro.

Paralelamente à separação entre a propriedade e a gestão assistiu-se à continuação do aumento do número de trabalhadores ao serviço da empresa responsável pelo jornal⁶³ e à criação de novos cargos de chefia que, em parte, resultaram de uma reforma administrativa instituída em 1923 que conduziu a uma descentralização de serviços e à criação de novas secções, nomeadamente ao nível da contabilidade da empresa.

Para além da posição de chefe tornou-se vulgar encontrarmos subchefes em alguns serviços o que traduz uma crescente hierarquização de posições que não se confinou à secção administrativa.

Entre o director do jornal e os responsáveis pela produção de textos jornalísticos encontramos diferentes intermediários. Numa posição hierarquicamente dependente do director e, em estreita ligação com o mesmo, encontra-se, a partir de 1924 o subdirector.

A coordenação dos trabalhos da redacção deixou de ser feita directamente pelo redactor principal e passou a ser efectuada pelo chefe e pelo subchefe da redacção, na dependência dos quais se encontravam os redactores, os repórteres e os informadores. Relativamente aos primeiros importa destacar a existência de algumas hierarquias entre os mesmos, uma vez que existiam actores responsáveis pelas diferentes secções, e um crescente espírito de solidariedade que se tornava particularmente evidente quando se assistia à tentativa de penetração de forças externas no universo redactorial.

A categoria de repórter permaneceu, na lógica de funcionamento do *Diário de Notícias*, extremamente próxima da de redactor uma vez que a direcção continuou a incumbir os redactores efectivos de realizarem muitas das reportagens publicadas. Esta aproximação não impediu no entanto que a figura do repórter adquirisse uma importância crescente no seio da orgânica do jornal. Da sua eficácia dependia em parte o sucesso do jornal já que a primazia na publicação das notícias era uma coordenada fundamental no jornalismo informativo. É importante no entanto destacar que a figura de redactor permaneceu, ao longo de todo o período analisado, numa posição de minoridade, comparativamente com o redactor que ocupava a sala de redacção.

Para além dos responsáveis pela recolha de informações importa destacar o papel dos repórteres fotográficos que, a partir da segunda década do século XX, afirmaram a sua posição nos

⁶¹ Cf. por exemplo Dinis (1981).

⁶² Cf. Miranda (2005) p. 193.

⁶³ Em 1907 foi criado o serviço de fotografia. A primeira foto publicada, um retrato de um oficial do exército, João do Carmo Caldeira Pires (a propósito da sua promoção a coronel e ascensão ao comando de infantaria 26), data de 27 de Julho. A gravura continuou no entanto a ser um recurso muito utilizado até 1912, data a partir da qual a fotografia começou a impor-se com maior destaque. Até este momento a fotografia permaneceu quase circunscrita ao retrato. A qualidade das reproduções fotográficas foi melhorando progressivamente, ao mesmo tempo que germinava a figura do repórter fotográfico. No período que antecedeu a utilização directa da fotografia nos jornais este recurso foi utilizado como base da ilustração. “Na secção de gravuras do *Diário de Notícias* havia pessoal especializado cuja única tarefa consistia em decalcar provas fotográficas, sublinhando os contornos das imagens e produzindo, assim, manualmente, uma “síntese visual” das fotografias”. Os primeiros repórteres fotográficos não passavam assim de meros coadjuvantes num processo de gravação de imagens. “As primeiras reportagens fotográficas no *Diário de Notícias*, na acepção moderna dessa expressão, ocorreram durante a Revolução do 5 de Outubro. No dia 6, o jornal publicou os retratos de cinco figuras do movimento, três em desenho e dois em fotografia. Só na edição do dia 7 apareceram as primeiras fotografias de reportagem, exemplarmente, a redacção já não recorreu ao desenho para documentar as fases e os episódios da Revolução”. FOYOS (1994) pp.23-27.

jornais diários já que o seu trabalho revelava-se um instrumento decisivo na inteligibilidade das notícias.

O aparecimento dos reporteres não conduziu à eliminação dos informadores que continuaram ao serviço do jornal nas décadas de 1920 e de 1930. De facto a função que desempenhavam era distinta da atribuída aos reporteres. Competia-lhes apenas efectuar o levantamento de notícias pré-definidas, em locais determinados e não relatar acontecimentos de excepção.

As tarefas dos diferentes actores ao serviço da empresa foram-se tornando progressivamente mais definidas, conduzindo a uma crescente especialização. A configuração de funções instituída apresentou-se como uma medida decisiva para a estruturação de uma carreira profissional entre os responsáveis pela redacção de textos jornalísticos. Tratou-se de um percurso comum aos dois jornais observados.

No caso do *Século* a complexificação/especialização do sector redactorial ocorreu sobretudo a partir do momento em que o jornal adoptou a matriz de órgão de informação, sem no entanto abandonar o estandarte da batalha política. “*Apostando na informação, o público foi agitado e orientado de forma a ficar a par de tudo o que se passava nos meandros da política*”⁶⁴.

Durante os primeiros anos de funcionamento o corpo do jornal foi alimentado sobretudo ou quase exclusivamente por colaboradores não assalariados. Nos dois primeiros anos de funcionamento do jornal os redactores não dispunham sequer de um espaço autónomo para o desempenho da sua actividade.

A grande evolução no sector redactorial ocorreu a partir dos finais da década de 1880, sob a administração de José Joaquim da Silva Graça e acentuou-se durante a década de 1890, sobre a direcção do mesmo actor que defendia a necessidade de diversificar a informação publicada para atrair uma maior diversidade de leitores.

A introdução de novas directrizes conduziu à necessidade de reestruturar o funcionamento do sector redactorial e de envolver um maior número de actores na produção das notícias. Em 1889 encontramos já um total de dez indivíduos permanentemente ocupados com os trabalhos da redacção.

A partir de 1890 surgiu a categoria de repórter que, durante alguns anos coexistiu com a de informador. Apesar de a fronteira entre estes dois tipos de actores ser extremamente ténue e muitas vezes as funções acabarem por se misturar podemos afirmar que os informadores estavam encarregues de recolher informações específicas e pré-definidas, relacionadas com o funcionamento de determinadas associações, por exemplo, enquanto os repórteres tinham a seu cargo a tarefa de “descobrir notícias” ou fazer o relato de acontecimentos de excepção. Esta última tarefa era, por vezes, atribuída a alguns redactores efectivos que desempenhavam, temporariamente, a função de reporteres.

*“O repórter tem um pouco a vida acidentada do soldado. Precisa de estar sempre prompto à primeira voz”*⁶⁵. *Os repórteres introduziram na imprensa “uma elasticidade e uma universalidade até então insuspeita”, tratavam-se de “perseguidores de notícias que, em breve transpunham as fronteiras e apareciam em toda a parte onde um acontecimento os reclamava. A sua, foi uma nova forma literária que apareceu, distinta de todas as outras (...) com a vantagem e a dificuldade de quem tem por dever ser simples, esquemática, concreta, para que todos, até os menos intelectualmente apetrechados, possam entendê-la (...). O repórter deve desenrolar, perante o écran que existe no cérebro de cada um de nós, o filme dos acontecimentos de que foi testemunha, por maneira tão clara, tão precisa, tão despida de atributos supérfluos (...)*⁶⁶.

⁶⁴ *Pelos Séculos do Século* (2002).

⁶⁵ *O Século*, nº 5780 de 13 de Fevereiro de 1898.

⁶⁶ *O Século. Numero único comemorativo do seu quinquagenário* (1930).

A partir da segunda década do século XX a categoria de informador foi perdendo importância, enquanto que a de repórter afirmou-se definitivamente e, de forma autónoma, como o símbolo do jornalismo de informação. De facto a renovação diária que distinguia o jornalismo informativo era, em parte, alimentada pelos repórteres que disputavam entre si a primazia na obtenção da *caixa*, ou seja das notícias novas. “*Para nós profissionais da imprensa era esta a parte mais sensacional*”⁶⁷.

A afirmação da figura do repórter foi acompanhada pela multiplicação de redactores efectivos ao serviço dos grandes jornais diários.

Em 1900 a redacção do *Século* possuía o dobro dos redactores relativamente a 1889 e funcionava como um importante centro de sociabilidade. Jorge de Abreu apelida mesmo este espaço de *tertúlia* uma vez que após o termino do serviço era comum os produtores das notícias permanecerem na redacção a jogar damas, xadrez, solo, voltarete ou a comentarem excertos pitorescos⁶⁸. “*O facto de nos conservarmos no jornal até o romper da manhã, só pelo prazer da camaradagem, algumas vezes permitiu que, nos serviços de última hora, dois, três colegas, espontaneamente e vantajosamente, auxiliassem o piquete*”⁶⁹.

O crescimento do corpo de redactores efectivos decorreu a par com a criação de secções específicas que ficaram a cargo de diferentes agentes e com a criação de novos cargos de chefia como o de chefe de redacção e o de director de determinadas secções, que eram, juntamente com os secretários de redacção (cujo número também aumentou na sequência do crescente fluxo de informações ao jornal) os elos de ligação entre o director e os jornalistas.

*“Plus le journal comporte un personnel nombreux, plus les obstacles entre le journaliste obscur et le directeur s’accumulent. Le rédacteur en chef, les chefs de service, le secrétaire de rédaction sont les interlocuteurs naturels du patron avec lesquels il tient de plus en plus fréquemment une réunion de travail quotidienne (...)”*⁷⁰.

Esta descrição da situação observada por Delporte nos jornais franceses aplica-se à realidade experimentada pelo *Século* nos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Citando Jorge de Abreu “*Refiro-me ao gabinete da revisão, porque foi ali que passei os meus tres anos de noviciado (...) estremecendo de receio quando se anunciava – o que era raro – a visita do patrão. E Silva Graça só lá ia para uma observação ríspida, uma censura violenta (...)*”⁷¹.

A complexificação e a hierarquização do sector redactorial que acompanhou o aumento do número de funcionários no sector administrativo e nos serviços técnicos, traduziu-se na criação de diferentes espaços de trabalho que potenciavam uma individualização das diferentes tarefas.

Em 1898 os diferentes serviços necessários à produção do *Século* funcionavam já em espaços completamente autónomos, que permitiam não apenas uma completa separação entre o sector redactorial, que funcionava no primeiro andar, o sector administrativo, que funcionava na sobreloja e os serviços técnicos que se dividiam entre o rés do chão e o pátio do edifício, mas que consagravam também um afastamento entre as chefias de topo e o conjunto de funcionários do jornal⁷².

Sob a direcção de Silva Graça ficou definida a estrutura de serviços que suportou a produção do jornal até ao final do período analisado. À semelhança da situação detectada relativamente ao *Diário de Notícias* os anos seguintes caracterizaram-se pela introdução progressiva de cargos de

⁶⁷ *Uma Hora de Jornalismo* (1938) p.59.

⁶⁸ Cf. Abreu (s.d.) p. 91.

⁶⁹ Abreu (s.d.) p. 91.

⁷⁰ Delporte (1999) p. 104.

⁷¹ Abreu (s.d.) p.72.

⁷² Cf. Miranda (2005) pp. 223-230.

chefia intermédia e, de uma forma geral, pelo aumento do número de funcionários ao serviço do jornal, com particular destaque para o incremento do sector redactorial⁷³.

A instituição de diferentes intermediários entre o conjunto de actividades necessárias à produção do jornal não conduziu a um completo afastamento dos proprietários relativamente à gestão do jornal. Até 1922 só os cargos de chefia intermédia é que foram delegados em indivíduos que não faziam parte do núcleo de proprietários do jornal. As chefias de topo, nomeadamente os cargos de director (criado em 1896) e de sub-director (criado em 1914), foram reservadas para os indivíduos que integravam a sociedade proprietária do jornal. A rotura com esta prática aconteceu apenas após a aquisição do *Século* pela *Companhia Industrial da Portugal e Colónias*, em 1922, que decidiu nomear para a chefia de topo um indivíduo que não fazia parte do conjunto de accionistas, Cunha Leal.

A introdução de modificações ao nível da gestão do jornal não constituiu um entrave para a definição de funções e conseqüente esboçar de trajectos profissionais.

As directrizes seguidas pelas sociedades proprietárias do jornal até 1925 potenciaram de facto a criação de uma carreira entre os redactores dos jornais uma vez que conduziram à institucionalização de novos cargos, como o de sub-chefe da redacção por exemplo que estiveram na base da definição de uma estruturação hierárquica entre os produtores das notícias.

Tratou-se de uma hierarquização que começou a ser esboçada com a tentativa de implementação de projectos de jornalismo informativo e que conduziu ao estabelecimento de estruturas de controlo, ainda que informais, no acesso às redacções dos três periódicos. Foi o início da estruturação de um universo profissional que se revelou determinante para a construção da identidade dos jornalistas.

Bibliografia

- AAVV (1982) *Metodologia de la historia de la prensa española*, Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores.
- Abbot, Andrew (1988) *The System of Professions: an Essay on the Division of Expert Labor*, Chicago, University of Chicago Press.
- Antonio Paz, María (1988) *El colonialismo de la Agencia Havas en España, 1870-1940*, 2 vols., Madrid, Universidade Complutense.
- Araújo, Helena (1985) "Profissionalismo e ensino" in *Cadernos de Ciências Sociais*, nº3.
- Idem* (1990) "Feminização da docência" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 29.
- Idem* (1991) "As professoras primárias na viragem do século" in *Organização e Trabalho*, nº 5/6.
- Birkhead, D. (1986) "News media ethics and the management of professionals" in *Journal of Mass Media Ethics*, 1(2), pp. 37-46.
- Black, J.; Barney, R.D. (1990) "Toward professional, ethical journalism" in *Mass Comm Review*, 17 (1), pp. 2-14.
- Breton, Philippe (1994) *A Utopia da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Briggs, Asa; BURKE, Peter (2002) *A social history of the Media. From Gutenberg to the Internet*, Cambridge, Blackwell Publishing.
- Bucher, R.; Strauss, Anselm (1961) "Profession in Process" in *American Journal of Sociology*, nº66.

⁷³ Em 1925 O *Século* empregava cerca de 30 redactores.

- Carlos Barreras (coord. de) (1999) *Del Gacetero al Profesional del Periodismo*, Madrid, Fragua Editorial.
- Carr-Saunders (1928) *Professions: their Organization and Place in Society*, Oxford, Clarendon Press.
- Carr-Saunders, A. M.; Wilson, P. A. (1933) *The professions*, Oxford, Clarendon Press.
- Caudill, S.; Caudill, E.; Singletary, M.W. (1987) "Journalist wanted. Trade-journal ads as indicators of professional values" in *Journalism Quarterly*, 64 (2/3).
- Chalaby, J. (1996) "Journalism as an Anglo-American Invention. A comparison of the Development of French and Anglo-American Journalism" in *European Journal of Communication*, vol. 11 (3), pp.303-326.
- Chambure, A. de (1914) *A travers la presse*, Paris, Tip. Fert, Albouy e C..
- Champagne, Patrick (1990) *Faire l'opinion: le nouveau jeu politique*, Paris, Minui.
- ChapoulieE, Jean-Michel (1973) « Sur l'analyse sociologique des groupes professionnels » in *Revue Française de Sociologie*, XIX.
- Chartier, Roger (1997) "La révolution de la lecture au XVIIIe siècle: mythe ou réalité?" in *Cultura: História e Filosofia*, vol. IX, pp. 265 – 271.
- Cook, T. (1998) *Governing with the News. The News Media as a Political Institution*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Correia, Fernando (1997) *Os Jornalistas e as Notícias: a autonomia jornalística em questão*, Lisboa, Editorial Caminho.
- Correia, João Carlos (1998) *Jornalismo e Espaço Público*, Covilhã, Universidade da Beira Interior.
- Idem* (2001) *Algumas reflexões sobre a importância da formação universitária dos jornalistas* - <http://www.bocc.ubi> – 26/07/2003.
- Idem* (2001) *O ensino do jornalismo visto pelos jornalistas* - <http://www.bocc.ubi> – 31/07/2003.
- Idem* (2001) *O Poder do Jornalismo e a Mediatização do Espaço Público* - <http://www.bocc.ubi> – 26/07/2003.
- Crato, Nuno (1988) *A Imprensa. Iniciação ao jornalismo e à Comunicação Social*, Lisboa, Editorial Presença
- Cruz Seoane, Maria (1996) (1ª ed. 1983) *Historia del periodismo en Espana. El Siglo XIX*, vol. 2, Madrid, Alianza.
- Cruz Seoane, María; Dolores Saiz, María (1998) (1ª ed. 1996) *Historia del periodismo en España. El siglo XX : 1898 – 1936*, vol. III, Madrid, Alianza Editorial.
- Da Lage, Olivier (2003 - 1) *Droits d'auteur et statut du journaliste*. <http://www.mapage.noos.fr> - 23/02/2003.
- Idem* (2003 - 2) *Les combats syndicaux*. <http://www.mapage.noos.fr> - 23/02/2003.
- Idem* (2003 - 3) *Le premier statu des journalistes*. <http://www.mapage.noos.fr> - 23/02/2003.
- Idem* (2003) *Les critères de professionnalisme de la Commission de la carte d'identité des journalistes professionnels*. <http://www.mapage.noos.fr> - 23/02/2003.
- Delporte, Christian (1992) "Le dessinateur de presse, de l'artiste au journaliste" in *Revue d'Histoire*, Juillet – Septembre, pp. 29– 41.
- Idem* (1995) *Histoire du journalisme et des journalistes en France. Du XVIII siècle à nos jours*, Paris, Presses Universitaires de France.

- Idem* (1998) "Presse et culture de masse en France (1880 – 1914)" in *Revue Historique*, t. 299, n° 605 – 606.
- Idem* (1999) *Les Journalistes en France: 1880-1950. Naissance et construction d'une profession*, Paris, Éditions du Seuil.
- Idem* (2003) *Journalisme et journalistes engagés au XXème siècle*. <http://www.univ-tlse2.fr> - 23/02/2003.
- Dubar, Claude (1997 – 1ª edição 1991) *A Socialização. Construção das Identidades Sociais e Profissionais*, Porto, Porto Editora.
- Dubar, Claude; TRIPIER, Pierre (2003 – 1ª ed. 1998) *Sociologie des professions*, Paris, Armand Colin.
- Férenczi, Thomas (1993) *L'invention du Journalisme, naissance de la presse moderne à la fin du XIXe siècle*, Paris, Plon.
- Idem* (1996) *L'invention du journalisme en France*, Paris, Éditions Payot.
- Feyel, Gilles (1995) « Aux origines de l'identité professionnelle des journalistes: les congrès internationaux des associations de presse (1894-1914) » in *L'identité Professionnelle des Journalistes. Actes du Colloque de Strasbourg*, Strasbourg, pp. 139-162.
- Idem* (Dir. de) (2002) *La distribution et la diffusion de la presse, du XVIIIe siècle au IIIe millénaire*, Paris, Ed. Panthéon.
- Foucault, Michel (1982) *L'archéologie du savoir*, Paris, Gallimard.
- Franciscato, Carlos Eduardo (2002) *Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade* - <http://www.facom.ufba.br> - 05/01/2004.
- Frederix, Pierre (1959) *Un siècle de chasse aux nouvelles. De l'Agence d'Information Havas à l'Agence France-Press, 1835-1957*, Paris, Flammarion.
- Freidson, Eliot (1986) *Professional Powers. A Study of the Institutionalization of Formal Knowledge*, Chicago, University of Chicago Press.
- Idem* (org.) (1971) *The Professions and their Prospects*, London, Sage.
- Garcia, José Luís (1994) "Principais tendências de evolução do universo dos jornalistas portugueses" in *Vértice*, n° 60, II série.
- Idem* (1994) "Recomposição social e estratégias profissionais" in *Cadernos de Jornalismo*, n° 1, Sindicato dos Jornalistas.
- Gargia, José Luís; Castro, José (1993) "Os Jornalistas portugueses. Da recomposição social aos progressos de legitimação profissional" in *Sociologia – Problemas e Práticas*, n° 13, pp.93–114.
- Goldner, Fred. H.; Ritti, R.R. (1970) "Professionalization as career immobility" in *The Sociology of Organizations*, Nova Iorque, The Free Press.
- Gomes, Sandra Pinto (2000) *A construção da profissionalização dos arquitectos em Portugal: um estudo*, Dissertação de Mestrado em Sociologia das Organizações, do Trabalho e do Emprego, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Gonçalves, Carlos (1996) "A profissão de Economista. Notas de investigação" in *Entre a Economia e a Sociologia*, Oeiras, Celta.
- Graça, Sara Soares de Meireles (2003) *Os jornalistas portugueses: dos problemas da inserção aos novos dilemas profissionais (1997-2002)*, Lisboa, ISCTE.
- Greenwood, Ernest (1957) "Attributes of a Profession" in *Social Work*, n° 2.

- Gyaramati, Gabriel K. (1975) « The doctrine of the professions: basis of a power structure » in *International Social Science Journal*, XXVII.
- Habermas, Jurgen (1978) *L'Espace Public – Archéologie de la Publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise*, Paris, Payot.
- Idem* (1989) *The Structural Transformation of the public sphere: an inquiry into a category of bourgeois society*, London, Cambridge.
- Idem* (1992) "L'espace Public, 30 ans après" in *Quaderni: la revue de la communication*, n° 18, pp. 161 – 191.
- Haegel, Florence (1993) « Des journalistes « pris » dans leur source. Les accrédités à l'hôtel de ville de Paris » in *Politix*, n° 19.
- Hall, Richard H. (1975) *Occupations and the Social Structure*, Nova Jérsea, Prentice-hall.
- Heilbron, J. (1986) "La professionnalization comme concept sociologique et comme stratégie des sociologues » in *Historiens et Sociologues aujourd'hui*, Paris, Ed. du CNRS, pp. 61-78.
- Hughes, Everett (1937) "Institutional Office and The Person" in *American Journal of Sociology*, n° 43, pp. 404 – 413.
- Idem* (1952) "The Sociological Study of Work: an Editorial Foreword" in *American Journal of Sociology*, vol. 57, May.
- Idem* (1958) *Men and Their Work*, New York, Free Press.
- Idem* (1971) *The Sociological Eye*, Atherton, Adine.
- Humanes, María Luisa (2003) *Evolución de roles y actitudes: Cultura y modelos profesionales del periodismo* - <http://www.comminit.com/la/lact/sld-4084.html> - Em 05/01/2004.
- Jackson, J. A. (ed.) (1970) *Profession and Professionalization. Introduction*, Cambridge, University Press.
- Jamous, H.; Peloille, B. (1970) "Professions or self-perpetuating systems? Changes in the French University-hospital system" in *Professions and Professionalization*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Janowitz, M. (1975) "Professional models in journalism. The gatekeeper and the advocate" in *Journalism Quaterly*, 52 (4), pp. 618-626.
- Jeanneney, Jean-Noel (1996) *Uma História da Comunicação Social*, Lisboa, Terramar.
- Johnson, Terence J. (1972) *Professions and Power*, London, Macmillan.
- Jordi-Berrid (dir. de) (1997) *Un segle de recerca sobre comunicació a Catalunya. Estudi dels principals àmbits d'investigació de la comunicació de massa*, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Klegon, D. (1978) "The Sociology of professions: an emerging perspective" in *Sociology of Work and Occupations*, n° 5.
- Kocka, Jurgen (1994) *Hierarquias de Gestão. Perspectivas comparativas sobre o desenvolvimento da Moderna Empresa Industrial*, Lisboa, Celta Ed.
- Langlois, R.N.; Robertson, P.L. (1995) *Firms, Markets and Economic Change: a Dynamic Theory of Business Institutions*, London, s.n..
- Larson, Magali Sarfatti (1977) *The Rise of Professionalism. A Sociological Analysis*, Berkeley, University of California.
- Le Bohec, Jacques (2000) *Les mythes professionnels des journalistes*, Paris, Éditions L'Harmattan.

- Lee, A. J. (1976) *The Origins of the Popular Press in England, 1855 – 1914*, Croom Helm, Londres.
- Lévêque, Sandrine (1996) *La construction journalistique d'une catégorie du débat public*, Thèse de doctorat, Paris, Université Paris I.
- Lopes, Noémia (1994) *Recomposição dos Saberes, Ideologias e Identidades de Enfermagem*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, ISCTE.
- Lucas, Yvette ; Dubar, Claude (1994) *Genèse & Dynamique des Groupes Professionnels*, Lille, Presses Universitaires de Lille.
- Luisa Humanes, María (1999) "Nacimiento de la Conciencia Profesional en los Periodistas Españoles (1883–1936)" in *Del gacetero al Profesional del Periodismo. Evolución histórica de los actores humanos del cuarto poder* (coord. de Carlos Barrera), Madrid, Editorial Fragua, pp. 41-54.
- Lynn, K.S. (Ed.) (1965) *The professions in America*, Boston, Houghton Mifflin.
- Martin, Marc (1992) *Contribution à l'histoire des journalistes et du journalisme en France (19^e – 20^e siècles) et à l'histoire de la publicité en France*, Paris, Université de Paris.
- Idem* (1997) *Médias et Journalistes de la République*, Paris, Éditions Odile Jacob.
- Mathien, Michel (1995) « L'identité professionnelle des journalistes: regard sur une évolution » in *L'identité Professionnelle des Journalistes. Actes du Colloque de Strasbourg*, Strasbourg, pp. 7-12.
- Mathiew, Michel; RIEFFEL, Rémi (dir. de) (1995) *L'identité professionnelle des journalistes. Actes du colloque de Strasbourg*, Strasbourg, Alphacom – CUEJ.
- Mattelart, Armand (1996) *A Invenção da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Idem* (1997) *A Comunicação – mundo. História das Ideias e das Estratégias*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Idem* (1999) *A Mundialização da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- May, W.F. (1986) "Professional ethics, the university and the journalist" in *Journal of Mass Media Ethics*, 1 (2), pp. 20-31.
- McCleod, Jack M.; Auparavant, Searle, E. Hawley Jr. (1964) « Professionalization among Newsmen » in *Journalism Quarterly*, vol. 41, Autumn.
- McQuail, Denis (1991 – 2^a ed.) (1^a ed. 1983) *Introducción a la teoría de la comunicación de massas*, Ediciones Paidós Ibérica, Barcelona.
- Merrill, J.C. (1986) "Professionalization: danger to press freedom and pluralism" in *Journal of Mass Media Ethics*, 1(2), pp.56-60.
- Mesquita, Mário; Ponte, Cristina (1997) *Situação do Ensino e da Formação Profissional na área do Jornalismo* - <http://www.bocc.ubi> – 04/08/2003.
- Miranda, José A. de (1985) "Modernidade, espaço público e conflito de nomeações" in *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 2, Dezembro, pp. 15–40.
- Idem* (1995) "Espaço Público, Política e Mediação" in *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 21 – 22, pp. 129 – 166.
- Miranda, Paula Cristina Galvão Mateus (2002) *As Origens da Imprensa de Massas em Portugal: o Diário de Notícias (1864-1889)*, Dissertação de Mestrado em Estudos Históricos Europeus, Universidade de Évora.
- Idem* (2005) *O Jornalismo em Portugal. Elementos para a Arqueologia de uma Profissão (1865-1925)*, Dissertação de Doutoramento em História, Universidade de Évora.

- Molina, Manuel (1989) *Les Journalistes. Statut professionnel, libertés et responsabilités*, Paris, Victoires Éditions.
- Moore, Wilbert E. (1970) *The Professions: roles and rules*, Nova Iorque, Russel Sage Foundation.
- Neves, João Alves das (1989) *História Breve da Imprensa de Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Direcção Geral da Comunicação Social.
- Neveu, Érik (2001) *Sociologie du Journalisme*, Paris, Éditions La Découverte.
- Nóvoa, António (1987) *Le temps des Professeur : analyse sócio-historique de la Profession Enseignante au Portugal (XVIII et XX siècle)*, Lisboa, INIC.
- Oliveira, José Manuel Paquete de (1988) *Formas de "Censura Oculta" na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril (1974 – 1978)*, Lisboa, Universidade Técnica.
- Oppenheimer, Martin (1973) "The proletarianization of the professional" in *The Sociological Review Monograph*, Keele, University of Keele, nº 20.
- Palmer, Michael B. (1978) "The British press and International news, 1851–99: of agencies and newspapers" in *Newspaper History*, London, s.n.
- Idem* (1983) *Des Petits Journaux aux Grandes Agences. Naissance du journalisme Moderne: 1863–1914*, Paris, Aubier.
- Parsons, T. (1972 – 1ª ed. – 1968) "Professions" in *International Encyclopedia of Social Sciences*, New York, Macmillan Free Press.
- Parsons, T. (1939) "The Professions and the Social Structure", in *Essays in Sociological Theory*, New York, Free Press, pp. 34-49.
- Idem* (1952) "A Sociologist Looks at the Legal Profession" in *Essays in Sociological Theory*, pp. 370-386.
- Paz Rebollo, Maria Antonia (1990) "Las fuentes informativas de la prensa española en la Segunda mitad del siglo XVIII" in *Estudios de Historia Social*, nº 52/53, Madrid, Ministerio de Trabajo y Seguridad Social.
- Idem* (1996) "O Jornalismo em França" in *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, pp. 153 – 207.
- Pélissier, Nicolas (2003) *L'identité des journalistes à l'épreuve des réseaux numériques*.
<http://www.archivesic.ccsd.cnrs.fr> - 23/02/2003.
- Pelos Séculos do Século* (2002) Lisboa, IANTT.
- Ramos, Rui (1992) "A formação da intelligentsia portuguesa (1860–1880)" in *Análise Social*, vol. XXVII, nº 116–117, pp. 483– 528.
- Rebelo, José (2000) *O Discurso do Jornal. O Como e o porquê*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Reese, S. (1999) "Hacia una comprensión del periodista global. El modelo de "jerarquía de influencias" in *Comunicación y Sociedad*, XII (2), pp. 47-68.
- Requate, Jorg (2002) "El periodista" in *El Hombre del siglo XX*, Madrid, Alianza, pp. 153-175.
- Rétat, Pierre (1996) « La Professionalisation des journalistes en 1789 », communication au séminaire de recherche sur le journalisme, IFP, Paris II.
- Richardson, Alan J. (1987) "Professionalization and intraprofessional competition in the Canadian accounting profession" in *Work and Occupations*, nº14.
- Rieffel, Rémy (1984) *L'élite des journalistes*, Paris, PUF.

- Rodrigues, Maria de Lurdes (1999) *Os Engenheiros em Portugal: profissionalização e Protagonismo*, Oeiras, Celta.
- Idem* (2002 – 1ª ed. 1997) *Sociologia das Profissões*, Oeiras, Celta.
- Rosten, Leo C. (1937) *The Washington Correspondents*, New York, Harcourt, Brace and Company.
- Roth, Julius A. (1974) “Professionalism: the sociologist’s de coy” in *Sociology of Work and Occupations*, nº1.
- Ruellan, Denis (1993) *Le Professionnalisme du Flou. Identité et savoir faire des journalistes français*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble.
- Idem* (1995) « L’invention de la carte de presse ou la fermeture de la frontière journalistique (1936-1940) » in *L’identité Professionnelle des Journalistes. Actes du Colloque de Strasbourg*, Strasbourg, pp. 13-38.
- Idem* (1997) « Groupe Professionnel et Marché de Travail du Journalisme » in *Réseaux*, nº 81.
- Idem* (1997) *Les « Pro » du Journalisme. De l’état au statut, la construction d’un espace professionnel*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.
- Santos, João Moreira dos (1995) *Imprensa empresarial: da informação à comunicação*, Porto, Asa.
- Silva, Pedro Alcântara da (2001) *Jornalistas Portugueses: elementos sociográficos* - <http://www.bocc.ubi> – 31/07/2003.
- Siméant, Johanna (1993) « Déontologie et crédibilité : le réglage des relations professionnelles au centre de formation des journalistes » in *Politix*, nº 19.
- Sobreira, Rosa Maria Campos (2001) *Os Jornalistas portugueses: 1933-1974: uma profissão em construção*, Lisboa, Universidade Nova.
- Soloski, John (1993 – texto publicado originalmente em 1989) “O Jornalismo e o Profissionalismo: alguns constrangimentos ao trabalho jornalístico” in *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa, Vega Sage
- Sousa, Fernando de (1988) *Jornal de Notícias. A Memória de um século (1888–1988)*, Porto, Empresa do Jornal de Notícias.
- Sousa, Jorge Pedro (1998) *Uma História Crítica do Fotorjornalismo Ocidental* - <http://www.bocc.ubi> – 26/07/2003.
- Sousa, José Manuel Mota de; Veloso, Lúcia Maria Mariano (1987) *História da Imprensa Periódica portuguesa: subsídios para uma bibliografia*, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Tengarrinha, José (1989 – 2ª ed.) *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Editorial, Caminho.
- Idem* (1993) *Da Liberdade Mitificada à Liberdade Subvertida*, Lisboa, Colibri.
- Timoteo Álvarez, Jesús (1980) *Restauracion y Prensa de masas. Los engranajes de un sistema*, EUSA, Pamplona.
- Idem*, Jesús (1997) *Del Viejo Orden Informativo*, Madrid, Actas Editorial.
- Traquina, Nelson (2002) *Jornalismo*, Lisboa, Quimera.
- Valente, José Carlos (1997) “Os Jornalistas, a classe e as classes. Notas a propósito de um Século de Sindicalismo” in *Passapalavra*, nº 3, Janeiro, pp. 10-13.
- Idem* (1998) *Elementos para a História do Sindicalismo dos Jornalistas Portugueses*, Lisboa, Sindicato dos Jornalistas.

- Veríssimo, Helena Ângelo (2003) *Os jornalistas nos anos 30/40. Elite do Estado Novo*, Coimbra, Minerva.
- Wartelle, Jean-Claude (1990) *Edouard Portalis (1845-1918). Patron de Presse a L'Americaine*, Paris, Kronos.
- Weaver, D. (Ed.) (1998) *The global journalist. News people around the world*, New Jersey, Hampton Press.
- Weaver, D.; Wilhoit, G. (1991) *The American Journalist. A portrait of U.S. news people and their work*, Bloomington, Indiana University Press.
- Idem* (1996) *The American Journalist in the 1990's. U.S. news people and the end of an era*. New Jersey, Laurence Elbaum Associates.
- Wilensky, Harold (1964) "The professionalization of everyone?" in *American Journal of Sociology*, nº 70.
- Williamson, Oliver E. (1994) "O Aparecimento da Mão Visível: implicações para a Organização Industrial" in *Hierarquias de Gestão. Perspectivas comparativas sobre o desenvolvimento da Moderna Empresa Industrial*, Lisboa, Celta Ed., pp. 16–184.
- Wilson, Glynn R. (1995) *Is Journalism a Bona Fide Profession? What the literature and the law reveal*. – <http://www.southerner.net/fast/JNPRO - 05/01/2004>.
- Windhal, S.; Rosengren, K. (1978) "Newsmen's professionalization. Some methodological problems" in *Journalism Quarterly*, 55 (3), pp. 466-473.